

LIMITAR OS CONFLITOS ARMADOS NA BACIA DO LAGO CHADE

ATRAVÉS DO REFORÇO DA COOPERAÇÃO REGIONAL EM MATÉRIA DE ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E DE GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS

INTRODUÇÃO

Atualmente, a região da bacia do Lago Chade (BLC) enfrenta uma situação de segurança delicada. Nas zonas mais afetadas do nordeste da Nigéria, extremo norte dos Camarões, oeste do Chade e sudeste do Níger, tornou-se evidente uma relação perigosa entre as alterações climáticas e os conflitos¹. Nos Camarões, em 2021, a escassez de água relacionada com o clima, devido à baixa pluviosidade e às elevadas taxas de precipitação, provocou tensões entre as comunidades de pescadores, agricultores e criadores de gado. A competição por recursos escassos (água e pasto) levando a uma escalada de violência². Tudo isto agravou a insegurança alimentar e a pobreza, reduzindo simultaneamente o acesso aos serviços básicos e sociais³.

De um modo mais geral, as alterações climáticas aceleram a perda de recursos naturais, como pastagens e fontes de água, ao mesmo tempo que catalisam as catástrofes naturais que exacerbaram os conflitos não só na BLC, mas também em toda a África⁴. Conflitos violentos, provocados por grupos armados não estatais ou pela proliferação de armas ligeiras e de pequeno calibre entre “civis”, estão a eclodir em regiões frágeis, onde as instituições e as economias são fracas, a injustiça e a violência são generalizadas e a agitação social está a alastrar, por exemplo, entre as comunidades do Logone Birni na região do extremo norte dos Camarões. Neste caso, as alterações climáticas têm sido amplamente reconhecidas como um “fator de ameaça” devido ao seu papel no agravamento das causas tradicionais de conflito, em particular no que diz respeito à intensificação da competição à volta dos recursos naturais cada vez mais escassos⁵. Neste contexto, esta Nota Política analisa a forma como a cooperação regional entre os países membros da BLC pode limitar os conflitos comunitários desencadeados pelos efeitos das alterações climáticas nos recursos naturais.

CONTEXTO

No seu livro *Environment, Scarcity, and Violence*, Homer-Dixon afirma que a crescente escassez de recursos naturais, especialmente devido a pressões induzidas pela população, pode atuar como um catalisador de conflitos⁶. Anderson et al. afirmam ainda que as alterações climáticas e as variações associadas nos regimes hídricos e nas pastagens são suscetíveis de ser particularmente prejudiciais para os ecossistemas naturais já sujeitos a uma enorme pressão devido à exploração humana dos recursos⁷. Esta escassez ambiental tem consequências sociais profundas, incluindo descontentamento generalizado, conflitos tribais, agitação urbana e outras formas de violência civil, em especial nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento⁸.

No contexto africano, os impactos negativos das alterações climáticas já estão a provocar escassez de recursos e de ambiente⁹. Embora não tenha sido estabelecida uma relação direta de causa e efeito entre as alterações climáticas e os conflitos, em determinadas circunstâncias as primeiras podem influenciar os fatores que determinam os segundos, agravando assim os riscos de segurança, incluindo os conflitos violentos¹⁰. A este respeito, as alterações climáticas representam um “fator de risco”, um “amplificador de fragilidade” ou um “catalisador de conflitos” que, em África, pode

¹ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), “Fragilidade ambiental no Sahel”, Setembro de 2022 - ² Sanderson, C., “Uma ligação perigosa: a violência provocada pelo clima na bacia do Lago Chade”, 1º de março de 2023 - ³ Sistema de Informação e Alerta Precoce sobre Segurança Alimentar do CHAD (SISAAP), Programa Alimentar Mundial e INSEED, “Análise do impacto da crise russo-ucraniana na pobreza e na insegurança alimentar no Chade”, 2022. - ⁴ Mwiturubani, D. e van Wyk, J., *Alterações Climáticas e Conflitos de Recursos Naturais em África* (Instituto de Estudos de Segurança: Pretória, 2010) - ⁵ Lamarche, A., “Violência e deslocamento alimentados pelo clima na Bacia do Lago Chade: foco no Chade e nos Camarões”, *Refugees International*, 19 de Janeiro de 2023 e Nett, K. e Rüttinger, L., *Insurgência, terrorismo e crime organizado num clima em aquecimento: analisando as ligações entre as alterações climáticas e os grupos armados não estatais* (Adelphi: Berlim, 2016) - ⁶ Homer-Dixon, T. F., *Meio ambiente, escassez e violência* (Princeton University Press: 2001) ⁷ Anderson, J. et al., *O stress hídrico induzido pelas alterações climáticas e o seu impacto nos ecossistemas naturais e geridos* (Parlamento Europeu: Bruxelas, 2008) - ⁸ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), “Mudanças climáticas, degradação ambiental, conflito e deslocamento na região dos Estados Árabes”, maio de 2023 - ⁹ Brown, O., Hammill, A. e McLeman, R., “As alterações climáticas como a ‘nova’ ameaça à segurança: implicações para África”, *International Affairs*, vol. 83, nº 6 (2007), pp. 1141-54 ¹⁰ Sida, “A relação entre as alterações climáticas e os conflitos violentos”, *Green Tool Box/Peace And Security Tool Box: Documento de trabalho*, 2018

traduzir-se num aumento da insegurança e da violência armada¹¹. Por exemplo, como demonstra uma notícia intitulada “Alterações climáticas fomentam conflitos na bacia do Lago Chade”, o esgotamento dos recursos naturais devido ao mau tempo está a exacerbar as tensões entre comunidades e a provocar a deslocação de um grande número de pessoas¹².

Além disso, há estudos que associam um aumento de 0,5°C no aquecimento global a um aumento de 10 a 20% no risco de conflitos mortais¹³. Como multiplicador de ameaças, as alterações climáticas expõem e agravam as tensões pré-existentes, a fraca governação, as injustiças históricas e coloniais e outros fatores socioeconómicos¹⁴. No que respeita aos solos, as alterações climáticas distorceram e continuarão a distorcer os padrões de precipitação, reduzindo ainda mais a disponibilidade de água doce em cerca de 20 a 30% em algumas partes de África¹⁵. Os défices de precipitação registados pela primeira vez em 1972 continuaram a agravar-se, apesar de inundações ocasionais de curta duração, resultando em reduções sistemáticas da água dos lagos¹⁶. O balanço hídrico global de uma bacia lacustre é influenciado por interações estreitas entre a precipitação, a evaporação, o afluxo do lago e a fuga de água subterrânea sob a massa do lago¹⁷. No

caso da BLC, a escassez de recursos foi precipitada tanto por estes fatores ambientais como pela atividade humana, como a construção de barragens a montante e as queimadas. Noutros locais, os conflitos em torno de projetos de barragens grande escala na Ásia Central e na bacia do rio Nilo, as tensões entre agricultores e pastores no Corno de África e a fragilidade do Estado no Iraque e no Irão (causada, pelo menos em parte, por dificuldades com a água), destacam algumas das muitas formas como as disputas em torno da água podem funcionar como um “multiplicador de ameaças”, desencadeando ou intensificando conflitos¹⁸. A crescente escassez de água e uma dependência excessiva das atividades agrícolas alimentadas pela chuva, combinadas com a instabilidade política da região da BLC e a propensão para a seca, significam que a área é particularmente vulnerável aos impactos das alterações climáticas, tais como o aumento das temperaturas e uma precipitação mais variável¹⁹. De um modo mais geral, o declínio da produtividade agrícola causado pelo impacto das alterações climáticas está a provocar ou a agravar a insegurança alimentar e o aumento insustentável dos preços dos alimentos em toda a África Subsariana, sendo os mais afetados os países com populações grandes ou densas e as instituições fracas.

1

A SECAGEM DO LAGO CHADE, 1964-2023

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS, GESTÃO DOS RECURSOS E CONFLITOS NA BACIA DO LAGO CHADE

A região da BLC continua a sofrer de seca persistente, desertificação grave e erosão dos solos, reduzindo a vegetação disponível para pastagens e a água. Estas mudanças estão a provocar alterações nos padrões de pastoreio, ao passo que a diminuição drástica da quantidade de água que flui dos rios Logone, Chari e Komadougou-Yobe para o Lago Chade levou as populações da região a lutar pelos, cada vez mais escassos, recursos hídricos disponíveis²⁰. Tudo isto deu origem a conflitos violentos entre agricultores e pastores. Na Nigéria, por exemplo, a violência entre agricultores e pastores tornou-se um grave problema de segurança, provocando a morte ou a deslocação de milhares de pessoas. De facto, no primeiro semestre de 2018, os conflitos entre comunidades que tiveram como origem os recursos naturais, mataram seis vezes mais pessoas do que a insurreição do Boko Haram na zona da BLC do país²¹.

Os dois principais sistemas de abastecimento de água na zona de captação do Lago Chade são Chari-Logone e Komadougou-Yobe. Estas bacias hidrográficas incluem rios, riachos, canais, lagos e reservatórios, bem como lagoas permanentes e temporárias²². As alterações da precipitação e da temperatura provocam a contração do lago, o que tem um impacto negativo no ecossistema e nas atividades de subsistência relacionadas com a pesca, a pecuária e a agricultura. O declínio dos recursos hídricos e das pastagens na região da BLC, que tem como origem as condições meteorológicas desfavoráveis provocadas ou exacerbadas pelas alterações climáticas, inflamou as tensões entre as comunidades, com cerca de 3 milhões de pessoas deslocadas e outros 11 milhões a necessitarem de assistência humanitária²³.

A ligação entre as alterações climáticas e os conflitos é evidente nos conflitos intercomunitários desencadeados pela escassez

de recursos naturais que se verificam em várias partes da África Subsariana. Apesar disso, tem sido dada pouca atenção às formas como as alterações climáticas têm causado insegurança na região. A região da BLC, em particular, tornou-se nas últimas décadas um foco de contestação dos recursos naturais, incluindo a terra, a água e os alimentos²⁴. Neste caso, os recentes acontecimentos entre as comunidades do Logone Birni, no extremo norte dos Camarões, constituem apenas um exemplo de conflito violento alimentado pelas alterações climáticas²⁵.

Cerca de 30 milhões de pessoas na Nigéria, no Chade, no Níger e nos Camarões competem atualmente pelo que resta dos recursos hídricos em rápida diminuição fornecidos pelo Lago Chade, que perdeu cerca de 90% das suas águas superficiais desde 1960 (ver Figura 1)²⁶. Esta concorrência contribui para as deslocações, a fome e a subnutrição e é um fator-chave para o número crescente de raptos, assassinatos e violações dos direitos humanos na região. Perante o aumento dos grupos armados na região, a Resolução 2349 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 2017, reconhece “os efeitos adversos das alterações climáticas e das alterações ecológicas, entre outros fatores, na estabilidade da região, nomeadamente através da escassez de água, da seca, da desertificação, da degradação dos solos e da insegurança alimentar”²⁷. Em 2021, o antigo Presidente nigeriano Mohamadou Buhari afirmou nas Nações Unidas que o Lago Chade, outrora um “oásis do deserto”, não passa agora de um deserto, com agricultores e pastores a lutarem pela pouca água que resta. Buhari afirmou ainda que os jovens da região estavam a aderir a grupos terroristas devido à falta de emprego e às difíceis condições económicas²⁸. Cerca de metade da população do nordeste da Nigéria vive da agricultura, da pesca ou da cria-

¹¹ Goodman, S. e Baudu, P. “As alterações climáticas como um ‘multiplicador de ameaças’: história, usos e futuro do conceito”. Briefer nº. 38, Centro para Segurança Climática, Conselho de Riscos Estratégicos, 3 de janeiro de 2023 e Birkmann, J. et al., “Pobreza, meios de subsistência e desenvolvimento sustentável”, ed. O. Pörtner et al., Alterações Climáticas 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade. Contribuição do Grupo de Trabalho II para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (Cambridge University Press: Cambridge, UK e Nova Iorque, NY, 2022), pp. 1171–274, DOI : 10.1017/9781009325844.010 - ¹² Kabukuru, W., “Alterações climáticas alimentam conflitos na bacia do Lago Chade”, AP, 19 de janeiro de 2023 - ¹³ Birkmann et al. (nota 11); e Lenton, T. M. et al., “Como quantificar o custo humano do aquecimento global”, Nature Sustainability, vol. 6 (2023), pp. 1237–47 - ¹⁴ UNDP (nota 8) - ¹⁵ Pham-Duc, B. et al., “A hidrologia do Lago Chade sob as atuais alterações climáticas”, Scientific Reports, vol. 10, nº. 5428 (2020) - ¹⁶ Shiklomanov, I. et al., “Capítulo 4. Hidrologia e recursos hídricos”, Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC), 2018 - ¹⁷ Pöschke, F. et al., “Como é que as águas subterrâneas influenciam o balanço hídrico de um lago de planície? Um estudo de campo do Lago Stechlin, no nordeste da Alemanha”, Limnologia, vol. 68 (janeiro de 2018), pp. 17–25 - ¹⁸ Schmeier, S. et al., “Escassez de água e conflito: uma ligação não tão simples”, Centro para as Relações África-Europa, 31 de outubro de 2019 - ¹⁹ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), Alterações Climáticas e Segurança Alimentar: Riscos e Respostas (FAO: 2015) e Holleman, C. et al., O Impacto da Variabilidade Climática e dos Extremos na Agricultura e Segurança Alimentar: Uma Análise das Evidências e Estudos de Caso, Estudo Técnico de Economia do Desenvolvimento Agrícola da FAO nº. 4 (FAO: Rome, 2020) - ²⁰ Nwilo, P. C. et al., “Impactos da mudança na cobertura da terra sobre a desertificação no norte da Nigéria e implicações na Bacia do Lago Chade”, Journal of Arid Environments, vol. 181 (Outubro de 2020) - ²¹ Eberle, U., “O fator climático na violência entre agricultores e pastores da Nigéria”, Grupo de Crise Internacional - ²² Olowoyeye, O. S. e Kanwar, R. S., “Água e sustentabilidade alimentar nos países ribeirinhos do Lago Chade em África”, Sustainability, vol. 15, nº. 13 (2022) - ²³ Kabukuru (nota 12) - ²⁴ Lamarche (nota 5) - ²⁵ Skah, M. e Lyammouri, R., “O nexo entre alterações climáticas e segurança: estudo de caso da Bacia do Lago Chade”, Centro de Políticas para o Novo Sul, 2020 - ²⁶ Olowoyeye e Kanwar (nota 22) - ²⁷ Hussona, J., “Como é que as alterações climáticas estão a provocar conflitos em África?”, AOA, 10 de março 2021 - ²⁸ Jinadu, L. A., “Resolver os conflitos entre pastores e agricultores na Nigéria”, Fórum África do Futuro, 17 de março 2021

FIGURA 1



Fonte: EcoHubMap (2023)

ção de animais. No entanto, devido à crescente aridez, a maioria destes meios de subsistência desapareceu, deixando os jovens vulneráveis ao recrutamento para a insurreição do Boko Haram²⁹. Os ataques do grupo tornaram-se mais frequentes e brutais desde 2020, com 110 produtores de arroz mortos num único ataque no início de dezembro de 2020³⁰. As causas profundas do conflito crescente registado no norte do país são a degradação das pastagens induzida pelo clima e a expulsão dos pastores para sul devido ao rápido crescimento das milícias étnicas³¹.

Entretanto, confrontados com a queda dramática do volume de água, os pescadores e agricultores Musgum do norte dos Camarões construíram enormes valas para conter as águas remanescentes do rio Logone, permitindo-lhes assim continuar a pescar e a cultivar as suas colheitas³². No entanto, estas trincheiras lamacentas fizeram com que o gado dos pastores árabes de Choa ficasse preso nas valas, sofrendo muitas vezes fraturas nas pernas. Um desses incidentes desencadeou confrontos em 10 de agosto de 2021 que causaram a morte de pelo menos 45 pessoas e 74 feridos (outros 15 desapareceram e presume-se que tenham morrido ao atravessar o rio Logone para o Chade)³³. As hostilidades de meados de 2021, desencadeadas pela escassez de água provocada pelo clima nas comunidades piscatórias, agrícolas e pecuárias, acabaram por provocar a fuga de cerca de 60 000 camaroneses para se refugiarem no vizinho Chade³⁴.

2

COOPERAÇÃO REGIONAL PARA A ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E A GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS

As quatro nações que confinam o Lago Chade - Camarões, Chade, Níger e Nigéria - uniram-se para criar a Comissão da Bacia do Lago Chade (LCBC) em 22 de maio de 1964. Os países da Bacia do Lago Chade, divididos entre as regiões da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e da Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC), estão situados numa zona caracterizada por movimentos significativos e fronteiras permeáveis. Ao mesmo tempo, enfrentam desafios ambientais e de segurança cada vez maiores³⁵. Criada como um meio de resolução de litígios transfronteiriços, a LCBC é reconhecida pelos governos dos quatro países e foi incumbida de implementar um sistema integrado e sustentável de gestão dos recursos hídricos da BLC, tendo em conta as consequências das alterações climáticas³⁶. Para tal, a LCBC tem como objetivo promover a integração, a paz e a segurança em toda a região, ao mesmo tempo que controla, regula e harmoniza a gestão dos recursos naturais da bacia.

Um dos princípios fundamentais do plano para a BLC é que o Lago Chade deve tornar-se um centro de desenvolvimento agrícola regional. A este respeito, é essencial o planeamento de ações específicas que permitam às comunidades locais tornarem-se mais resistentes às alterações climáticas, promovendo simultaneamente o crescimento regional. Assim, o plano centra-se na redução da pobreza extrema na zona, na garantia dos meios de subsistência das pessoas que residem em redor do lago e no reforço da contribuição do lago para a segurança alimentar regional³⁷. O surgimento de Boko Haram colocou a LCBC no centro das atenções, uma vez que os Estados afetados necessitavam de uma plataforma política para coordenar os seus esforços militares e promover a colaboração transfronteiriça no combate ao terrorismo. Assim, a LCBC serviu de porta de entrada regional, estabelecendo a estrutura jurídica necessária para facilitar a cooperação e alocar fundos à Força de Intervenção Conjunta Multinacional (MNJTF) que envolve a Nigéria, os Camarões, o Níger, o Chade e o Benim³⁸. Embora a falta de ligação direta do Benim à bacia signifique que não é membro da LCBC, o país tem participado ativamente nos esforços de colaboração da comissão para combater Boko Haram. Houve casos de cidadãos beninenses recrutados pelo grupo extremista, apesar da fronteira do país se situar a cerca de 700 km da região onde Boko Haram opera³⁹. Além disso, tem havido preocupações relativamente a uma mudança

para ideologias mais conservadoras no seio das comunidades muçulmanas na parte norte do país. Inicialmente, previa-se que o Benim forneceria cerca de 800 efectivos à MNJTF. No entanto, em abril de 2016, este número foi reduzido para 150. O principal objetivo destas tropas parece ser a salvaguarda da segurança do quartel-general da MNJTF e a prestação de serviços de escolta para comboios humanitários e dignitários⁴⁰. Os Estados membros atribuíram à LCBC a responsabilidade de organizar os procedimentos e mecanismos necessários para melhorar a colaboração transfronteiriça em matéria de segurança e estabilização, recuperação rápida e desenvolvimento sustentável. Além disso, a fim de apoiar os esforços dos Estados membros da LCBC e do Benim para “criar um ambiente seguro e contribuir para a estabilização da situação nas áreas afetadas” pelas atividades de Boko Haram, o Conselho de Paz e Segurança da União Africana (UA) aprovou o destacamento da MNJTF em março de 2015⁴¹. A segunda fase do mandato da MNJTF, tal como salientado no Conceito Estratégico de Operações da Força, consiste em “facilitar a implementação de programas globais de estabilização pelos Estados membros da LCBC e pelo Benim nas áreas afetadas, incluindo a plena restauração da autoridade do Estado e o regresso dos deslocados internos e dos refugiados”⁴². Em agosto de 2018, os Estados membros da LCBC, com a assistência da UA e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, desenvolveram a Estratégia Regional para a Estabilização, Recuperação e Resiliência. Assim, as respostas militares às questões de segurança, humanitárias e de conflito na BLC deram lugar, nos últimos dois anos, a iniciativas mais abrangentes que envolvem uma variedade de atores políticos, do desenvolvimento, humanitários e da paz⁴³. Os riscos de conflito enfrentados na região da BLC foram agravados pela ausência de políticas de gestão da água e do ambiente, por práticas deficientes a nível nacional e regional e pela falta de conhecimento dos ecossistemas aquáticos e dos recursos hídricos, que, em conjunto, deixaram a população a lutar por recursos escassos⁴⁴. Além disso, não existe um sistema eficiente de controlo da quantidade ou da qualidade da água, nem instalações que permitam medidas de alerta precoce e de preservação⁴⁵. A coordenação inadequada resultante da participação limitada das partes interessadas e a falta de cooperação em matéria de gestão integrada da água nos países, e entre eles, têm sido um fator importante que contribui para a escalada dos litígios na bacia⁴⁶. A este respeito, o

²⁹⁻³⁰ Hussona (nota 27) - ³¹ Grupo de Crise Internacional, “Como parar a violência crescente entre agricultores e pastores na Nigéria”, Relatório sobre África n.º 262, 26 de julho de 2018 - ³² Ngargoune, A., “Alterações climáticas alimentam confrontos nos Camarões que obrigam milhares de pessoas a fugir”, UNHCR, 9 de setembro de 2021 - ³³ Ngargoune (nota 32) - ³⁴ Lamarche (nota 5) - ³⁵ Clingendael - ³⁶ União Africana, “Resumo Estratégico do Plano de Ação Territorial: Estratégia Regional para a Estabilização, Recuperação e Resiliência”, 2022 - ³⁷ Banco Mundial, “Investir na resiliência e no desenvolvimento no Lago Chade”, 11 de fevereiro de 2016 - ³⁸ ecdpm - ³⁹⁻⁴⁰ Clingendael - ⁴¹ Comissão da Bacia do Lago Chade, “Estratégia Regional para a Estabilização, Recuperação e Resiliência da região do Lago Chade”, Ficha de informação RD-SRR, junho de 2022 - ⁴²⁻⁴³ Comissão da Bacia do Lago Chade (nota 37) - ⁴⁴ Tzanakakis, V. A. et al., “Desafios e oportunidades para a gestão sustentável dos recursos hídricos na ilha de Creta, Grécia”, Water, vol. 12, n.º. 6 (2020) - ⁴⁵ Comissão da Bacia do Lago Chade, “Gestão integrada das bacias hidrográficas: desafios da bacia do lago Chade, Visão 2025” - ⁴⁶ Comissão da Bacia do Lago Chade (nota 41).

quadro legislativo ambiental e a aplicação das leis relativas aos recursos partilhados requerem uma atualização e uma harmonização a nível regional. De um modo geral, a falta de colaboração entre sectores dentro de cada país e entre países conduziu a uma coordenação ineficaz, a um envolvimento limitado das partes interessadas e a instituições inadequadas para a gestão integrada dos recursos hídricos. Em consequência desta ausência de medidas proactivas, os parceiros técnicos e financeiros pouco fizeram para encorajar ou apoiar um programa coeso e duradouro centrado no desenvolvimento sustentável na região da BLC⁴⁷⁻⁴⁸. Sem essa assistência externa, os Estados membros da LCBC têm de procurar outros meios de angariar os fundos necessários para implementar um sistema de monitorização ambiental dispendioso. Na realidade, porém, a falta de empenho dos Estados membros tem impedido uma gestão eficaz e sustentada dos recursos hídricos na região. Os acordos regionais e a sua harmonização, bem como a atualização do quadro jurídico e dos meios de aplicação das leis, foram negligenciados. O resultado foi a incapacidade de proteger os recursos hídricos e o ecossistema da bacia como recursos comuns. Por sua vez, a visão de uma Região do Lago Chade caracterizada por políticas integradas de gestão sustentável continua por realizar devido à ausência de processos de integração a nível local, nacional e regional⁴⁹. Simultaneamente, a população em crescimento está a exercer uma pressão cada vez maior sobre os ecossistemas, o abastecimento de água e a biodiversidade da região. Assim, cada um dos países da BLC deverá elaborar planos de ação nacionais para controlar os conflitos armados e reforçar a cooperação regional em matéria de alterações climáticas e de gestão dos recursos naturais. Atualmente, as autoridades dos Camarões, do Chade, do Níger e da Nigéria simplesmente não dispõem dos mecanismos de resolução de conflitos e de consolidação da paz necessários para resolver eficazmente os conflitos armados relacionados com o clima que assolam a região.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS

As pressões provocadas pelas alterações climáticas em África, e na BLC em particular, nos últimos anos, não têm precedentes. Os padrões irregulares de precipitação e as alterações climáticas, associados a um planeamento deficiente e a más políticas, dificultam a utilização dos solos. Assim, a concorrência e a negociação em torno da utilização das terras continuam a intensificar-se, agravadas pelos conflitos entre nações e entre estados na região⁵⁰. Os impactos negativos das alterações climáticas lançaram novos desafios à cooperação regional e a cada um dos países membros, ameaçando a segurança dos residentes da região e impedindo resoluções políticas viáveis para os vários conflitos da BLC⁵¹. Estas alterações ambientais não só empobrecem ainda mais aqueles que dependem dos recursos naturais da região para o seu sustento e meios de subsistência, como também estão a levar à radicalização daqueles — especialmente os jovens — que seguem sem oportunidade. Por isso, devem ser feitos esforços concertados para mitigar de forma sustentável estes impactos relacionados com o clima, começando por abordar as causas profundas do conflito na região, o que exigirá um compromisso genuíno por parte das comunidades locais e dos governos dos países membros da LCBC.

Tendo em conta o que precede, devem ser tidas em consideração as seguintes recomendações:

- A LCBC deve criar equipas especializadas para liderar discussões e desenvolver iniciativas e projetos de colaboração que reconheçam o papel das ONG (i) no aumento da consciencialização a uma escala local, nacional e global, e no estabelecimento de ligações entre elas; (ii) no incentivo ao envolvimento da comunidade e à utilização do conhecimento local; e (iii) na promoção da colaboração e cooperação entre várias organizações, incentivando simultaneamente a participação dos sectores público e privado.
- A LCBC e os seus Estados membros e partes interessadas, especialmente o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, devem revitalizar a implementação da Estratégia Regional da BLC.
- Os Estados membros da LCBC devem, com urgência, criar mecanismos de resolução de conflitos, aproveitando os diálogos comunitários e as iniciativas de mediação destinadas a resolver os conflitos desencadeados ou agravados pelo aquecimento global, atenuando simultaneamente os conflitos armados intercomunitários e motivados pelos recursos.
- Os Estados membros da LCBC, juntamente com outras partes interessadas, devem dar prioridade à preparação e implementação de planos de ação nacionais. A sociedade civil tem potencial para contribuir significativamente para a resolução de conflitos, nomeadamente através da mediação, apesar de ser frequentemente excluída dos processos de paz oficiais conduzidos pelos governos. Consequentemente, a LCBC e os seus Estados membros comprometeram-se a envolver ativamente a sociedade civil na mediação e nos diálogos comunitários.
- A LCBC deve criar plataformas de alerta precoce e de resposta a conflitos para monitorizar possíveis hostilidades decorrentes da escassez de recursos relacionada com as alterações climáticas, em especial no que respeita à água e às pastagens.
- Os países da BLC, as partes interessadas, os intervenientes na estabilização e na paz, bem como os doadores internacionais, devem concentrar-se na definição de um objetivo comum e na definição de áreas políticas prioritárias para o desenvolvimento sustentável na região.

⁴⁷ faolex - ⁴⁸ Comissão da Bacia do Lago Chade (nota 41) - ⁴⁹ info.undp - ⁵⁰ FAO (nota 19) - ⁵¹ Vivekananda, J. et al., Reforçar a Estabilidade: Enfrentando os Riscos Climáticos e de Fragilidade na Região do Lago Chade (Adelphi: Berlim, 2019)

SOBRE O AUTOR

Francisco Tazoacha - Analista de Paz e Segurança
Diretor da Divisão de Paz e Segurança
Instituto de Políticas Nkafu

AVISOS LEGAIS

Pesquisa & Ação para a Paz (Rede REcAP)
Trinity Avenue, O Mile 7 Road, Achimota-Accra
P. O. Box CT4434, Cantonments, Accra-Ghana
Link Rd, Dhaka
Tel: +233 302 411 638
Mail: recapsecretariat@wanep.org
www.recapnetwork.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da Rede de Pesquisa e Ação para a Paz e não reflecte necessariamente a opinião da União Europeia. © - 2024 - Rede de Pesquisa e Ação para a Paz (Rede REcAP) Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados e condicionalmente licenciados à União Europeia.



Financiado pela União Europeia

REDE REcAP

A rede REcAP é uma plataforma interactiva de cooperação regional que reúne organizações e peritos na construção da paz e na prevenção de conflitos e do extremismo violento na África Ocidental e na bacia do Lago Chade.

Implementado pela Rede da África Ocidental para a Consolidação da Paz (WANEP), pelo Conselho Dinamarquês para os Refugiados (DRC) e pelo Instituto Internacional de Investigação para a Paz de Estocolmo (SIPRI), o projeto da Rede REcAP foi concebido para dar resposta às lacunas de capacidade e às limitações à colaboração entre peritos, decisores políticos e profissionais e para melhorar o impacto, o progresso e a sustentabilidade da investigação, das políticas e das práticas de consolidação da paz.

www.recapnetwork.org

